

A prática do “finning” está colocando os tubarões em perigo

Edison Barbieri, edisonbarbieri@yahoo.com.br, pesquisador científico do Instituto de Pesca, www.pesca.sp.gov.br, Cananéia (SP)

Há mais ou menos 400 milhões de anos os tubarões habitam os nossos oceanos, o que dá uma boa idéia da perfeição de sua adaptação ao meio em que vivem. Mais antigos que os dinossauros e mesmo ainda sem sabermos muitas coisas sobre eles (pois ainda não são minuciosamente estudados), muitas espécies estão em perigo de extinção.

Apesar de sua fama de feroz e sanguinário, o que não representa a realidade, os tubarões constituem um grupo zoológico altamente vulnerável, especialmente por sua característica de lenta recuperação populacional. Por ocuparem o topo das teias tróficas, as populações de suas diferentes espécies contam com relativamente poucos exemplares, têm baixa fecundidade e longo período de gestação, apresentam crescimento lento e levam muito tempo para se tornarem maduros (muitas espécies são de grande longevidade).

Por serem predadores de topo, contribuem para manter equilibradas as populações de diferentes espécies marinhas, suas presas nos ciclos tróficos. Em seu estudo sobre a pesca de elasmobrânquios no Caribe, o Dr. Jordi Bascompte demonstrou que a pesca seletiva de tubarões está influenciando na diminuição dos recifes de corais naquela região. Este trabalho, que explora um amplo espectro do ecossistema marinho do Caribe, pôde avaliar como uma redução importante do número de tubarões estava provocando o incremento da população de peixes que lhes serviam de alimento, estes por sua vez predadores de coral.

Sem dúvida, o Homem é o predador mais feroz e insaciável e, nos últimos anos, está colocando em perigo esses animais, simplesmente por causa do alto valor de mercado das barbatanas de tubarão, sendo os grandes responsáveis por isso os consumidores asiáticos. Na atualidade, as barbatanas de tubarão são, dentre os produtos extraídos do mar, um dos mais valorizados monetariamente. E para a obtenção desse produto retiram-se apenas as barbatanas, sendo o restante dos corpos dos animais atirados por vezes ainda vivos ao mar. Esta prática é conhecida como “finning”.

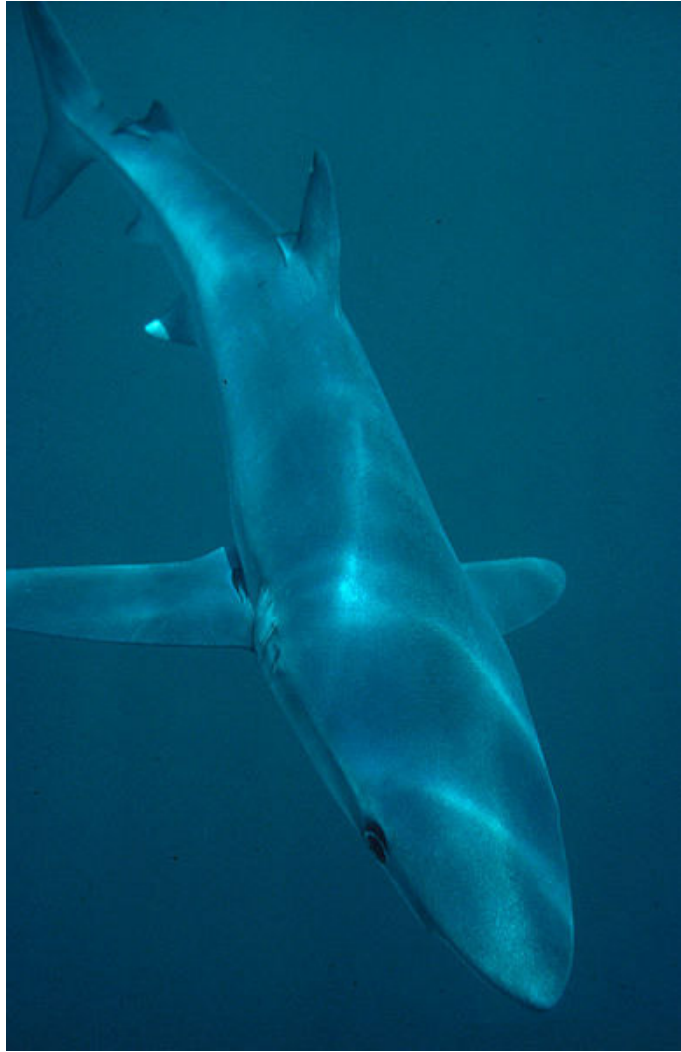


Figura 1. *Prionace glauca* nadando no ambiente pelágico
(Fonte: Shane Anderson)

Atualmente são muitas as denúncias da verdadeira depredação a que muitas espécies marinhas estão sujeitas diariamente pela exploração sem controle. A grande consequência desta realidade é que a referida exploração pode afetar a biodiversidade marinha. Muitos estudos apontam isso já há muito tempo. Entretanto, como os interesses econômicos imediatistas predominam sobre qualquer outro, pouco importa o que venha a ocorrer depois, como se isso não fosse afetar também os que praticam tamanhos saques à Natureza. Uma coisa é pescar, outra, bem diferente, é levar espécies à extinção, tenham elas alto valor econômico ou não. E se estas ocupam uma posição de topo na cadeia trófica, como é o caso dos tubarões, as consequências podem ser muito graves para o ecossistema marinho.

Até o momento, pouco se discute sobre o problema e quase nada se tem feito para saná-lo. Os tubarões e as raias, além de particularmente vulneráveis à pesca, também são afetados por fatores já bem conhecidos: a contaminação ou destruição de seus *habitats*, a falta de alimento etc.

Com a queda da produção de muitos alvos pesqueiros (como os atuns e os peixes-de-bico), os elasmobrânquios se converteram no principal objetivo de pesca de muitos barcos da União Europeia e da Ásia, sendo que a gestão pesqueira desse grupo é ainda muito pouco eficaz. Esta situação fica ainda mais problemática em razão do altíssimo preço que as barbatanas de tubarão alcançam no mercado asiático, especialmente em Hong Kong, para onde são destinados, segundo a FAO, 50% do total da produção.

O “finning” é uma prática cruel e destrutiva. A cada ano, o número de tubarões mortos para efetivar esta prática chega a milhões, causando danos terríveis a suas populações. As barbatanas de tubarão são consideradas uma iguaria em algumas partes do mundo, principalmente no leste asiático, onde uma porção de sopa de barbatana de tubarão pode chegar a valer 100 dólares, valor que estimula a prática do *finning* em todo o mundo.



Figura 2. Nadadeiras de tubarão secando ao sol
(Fonte: NOAA)

Independentemente da crueldade com que o "finning" é praticado, é preciso ressaltar que essa prática provoca um grande desperdício de outros produtos derivados do tubarão, como: carne, pele - usada como lixa ou na confecção de objetos -, fígado - que contém grande quantidade de óleo rico em vitamina A -, e dentes - utilizados como ornamento. A prática do "finning" só aproveita um mínimo percentual do animal.

A indústria pesqueira obtém cerca de 50 dólares por quilo de nadadeira seca ao sol, contra 1,5 dólar por quilo de carne, que inclusive precisa ser refrigerada adequadamente no porão da embarcação, gerando mais gastos para o pescador. Assim, fica evidente porque o pescador, ao capturar um tubarão, prefere cortar suas nadadeiras e se livrar do corpo, especialmente no início dos cruzeiros de pesca. Cabe ressaltar que o "finning" não é uma prática comum a todas as embarcações. O problema é que essa prática agrava a ameaça da sobrepesca, já que não existe nenhum instrumento de gestão para limitar as capturas de tubarões.

A União Européia registrou em 2010 a segunda maior captura de elasmobrânquios do mundo, com quase 100.000 toneladas. Esses dados mostram que urge se estabeleça uma política pesqueira comum para os tubarões. Segundo estudos da FAO (2011), em Hong Kong, o comércio de barbatanas de tubarão aumenta num ritmo de 5% ao ano. Mas, de acordo com outros estudos, as capturas globais de tubarões são três vezes maiores que as registradas na base de dados mundial, e o valor da biomassa desses animais no comércio mundial de barbatanas é de 1,21 a 2,29 milhões de toneladas métricas por ano.

Segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), a situação atual é mais preocupante ainda. Aproximadamente um terço de todas as espécies de tubarões e raias estudadas até o presente em águas europeias - quase 40 espécies no total - estão ameaçadas de extinção.

O certo é que não existe controle sobre as capturas, não se dispõe de informações pretéritas suficientes, que permitam avaliar o estado das populações. Apesar disso, parece evidente que tubarões estão sendo pescados de forma insustentável. Segundo critério da UICN, o tubarão-raposa (*Alopias superciliosus*) e o anequim (*Isurus oxyrinchus*), duas das espécies mais pescadas do Atlântico, são considerados vulneráveis em todo o mundo, e o

tubarão-martelo (*Sphyrna mokarran*), em perigo. O tubarão-azul (*Prionace glauca*) é o elasmobrânquio pelágico mais abundante do mundo e também o mais pescado, sendo considerado quase ameaçado de extinção, e estudos têm mostrado queda de 50% da população dessa espécie.



Figura 3. *Alopias superciliosus* pescado por barcos americanos
(Fonte: NOAA Observer Program)

É necessário salientar que as quatro espécies citadas são as que têm as barbatanas mais caras no mercado, e que não há nenhum limite de captura, nem em águas nacionais, nem em águas internacionais.



Figura 4. *Isurus oxyrinchus* pescado por barcos americanos
(Fonte: NOAA Observer Program)

Aproximadamente 120 países, incluindo o Brasil, matam cerca de 70 milhões de toneladas de tubarões por ano nos oceanos de todo o mundo. Segundo a FAO, Espanha, Portugal, Reino Unido e França estão entre as 20 nações responsáveis por 80% da captura global. Os barcos espanhóis fornecem 25% de todas as barbatanas vendidas em Hong Kong.

Já faz tempo que a captura de tubarões deixou de ser "incidental", como resultado das pescarias de atuns e peixes-de-bico. Agora constituem o principal grupo zoológico alvo das frotas de espinhel da Espanha, Portugal e de países asiáticos, como China e Japão, nos oceanos do mundo. Além de não haver uma legislação específica que trate desse grupo de peixes e da inexistência de quotas para os espinheleiros, barcos europeus não atuam só em países que possuem acordos bilaterais, mas também em países, como Equador e Peru, onde o desembarque de tubarão tornou-se frequente. Países como Estados Unidos, China, Coreia e Japão fretam embarcações pesqueiras com bandeiras estrangeiras ou modificam os registros de propriedade das embarcações, como se fossem de companhias mistas estrangeiras.



Figura 5. *Sphyrna mokarran* nadando no Georgia Aquarium-USA
(Fonte: Josh Hallett)

Uma proibição efetiva da retirada de barbatanas de tubarões a bordo é importante, porém não basta para protegê-los de uma pesca excessiva. É necessário um plano de ação que inclua estratégias para sistematizar e melhorar a compilação dos dados existentes e estabelecer limites preventivos para a captura dos tubarões.

Ainda, outra forma de controlar a sobrepesca de tubarões seria estabelecer cotas por embarcação, como fazem os países da Oceania, e, principalmente, manter um observador de bordo independente em cada barco que se dedica a esta espécie-alvo.

Referências:

Barbieri, E. 1998. *Biodiversidade: capitalismo verde ou ecologia social*. Editora Cidade Nova, São Paulo. p. 84.

Barbieri, E. 2013. *Biodiversidade: da teoria à prática*. Editora Livre Expressão, Rio de Janeiro. p. 171.